

### Uma proposta pragmática contra a mudança climática

Nem tudo está perdido após o fracasso da conferência sobre o clima em Durban. Um grupo de cientistas propôs na revista "Science" um caminho para combater a mudança climática que, a curto e médio prazo, seria mais eficaz que a fórmula de Kyoto, e teria vantagens para os que a aplicassem, em vez de dispendiosos sacrifícios. Os autores são de seis países e de diferentes especialidades, não apenas de climatologia: também de economia, de agronomia ou de saúde pública.

A grande dificuldade da estratégia seguida até agora, reduzir as emissões de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), é que exige um acordo mundial e disposição para renúncias e grandes investimentos cujos frutos se perceberão dentro de muitos anos. Nomeadamente, os países em desenvolvimento, que tiveram um papel muito limitado na acumulação de CO<sub>2</sub> na atmosfera até agora, teriam de crescer sem passarem pelos luxos da industrialização poluente, mais fácil, que os países ricos se permitiram. O núcleo da disputa é que compensação deveriam dar os países ricos aos outros: consoante as perspectivas, estes pedem demasiado, ou, aqueles oferecem demasiado pouco. Muito menos a causa da mudança climática é, ao fim e ao cabo, assim tão popular, pois ser a favor do salvamento do planeta é para qualquer um mas, já quanto a estar disposto a pagar, é outro assunto.

Para sair da estagnação, os cientistas que escrevem na "Science" propõem atuar sobre outros agentes de efeito de estufa mais fáceis de combater.

Um é o carbono negro, principal componente da fuligem. Produz-se pela combustão incompleta de combustíveis fósseis ou biomassa. Enquanto está em suspensão no ar, reforça o efeito de estufa ao reduzir a energia solar que se reflete. Além disso, é prejudicial para as vias respiratórias. Todavia, nem tudo são prejuízos: especialmente nas florestas húmidas tropicais, o carbono negro depositado fertiliza o solo.

O metano, por outro lado, é um gás com efeito de estufa 25 vezes mais potente que o CO<sub>2</sub>. Liberta-se dos poços de petróleo e em consequência da fermentação anaeróbica de matéria orgânica em terrenos pantanosos, nos tubos digestivos dos ruminantes ou em aterros. Favorece a formação de *smog* e de ozono superficial, que, por sua vez, prejudica as plantas.

Para diminuir as emissões de um e outro agente, no artigo da "Science" avança-se com 14 medidas acessíveis que não requerem qualquer tratado internacional. Haveria menos fuligem, se se difundissem motores a diesel e fornos, fogões e cozinhas modernos. Relativamente ao metano, poder-se-ia capturar o que se escapa dos poços de petróleo e aterros e, o de origem natural, baixaria muito se os arrozais fossem drenados com maior frequência. Se se generalizassem essas ações, evitar-se-ia 0,55° C do aumento de temperatura média previsto até 2050, segundo os cálculos dos autores do artigo: mais do que com a redução de emissões de CO<sub>2</sub> a que aspirava o protocolo de Kyoto.

Além disso, essas medidas trariam vantagens para a população a curto prazo. A menor poluição evitaria mortes prematuras (talvez até mais de 4 milhões por ano, estimam os cientistas) e a diminuição do ozono superficial aumentaria as colheitas (até mais 30 milhões de toneladas por ano). A maior parte dos benefícios iria para os países em desenvolvimento, que amortizariam os investimentos necessários em 5-10 anos.

Ideias semelhantes foram propostas outras vezes. Em 2008, um relatório da International Network for Environmental Compliance & Enforcement sublinhava que, reduzir as emissões de carbono negro é uma forma com boa relação entre custo e benefícios para combater a mudança climática; também dizia que se faria muita coisa apenas cumprindo as leis já em vigor contra a poluição. Em 2010, um estudo internacional intitulado "The Hartwell Paper", insistia igualmente em afastar a "fixação" no CO<sub>2</sub>, atacar os outros agentes da mudança climática e em adotar uma abordagem mais pragmática que não despreze o que é possível na prática, por não ser o teoricamente melhor.

Mas esta estratégia tem as suas limitações e riscos, advertem outros. É verdade que o metano tem um efeito de estufa muito maior que o CO<sub>2</sub>, mas a sua contribuição é menor, pois na atmosfera há 220 vezes mais CO<sub>2</sub> que metano. E, reduzindo a fuligem, não se faz tanto pelo clima terrestre pois, na atmosfera, dura algumas semanas no máximo e, o CO<sub>2</sub>, um século. O mesmo autor principal da proposta publicada na "Science", Drew Shindell (Universidade de Colúmbia), considera justa a preocupação dos que se opõem a que se desvie a atenção do CO<sub>2</sub>. "Mas também receio – diz Shindell ao "The New York Times" - que o CO<sub>2</sub> continue a aumentar mesmo que nos centremos nele. Estamos completamente imersos em CO<sub>2</sub>. Ocupar-se dos poluentes de vida curta poderia ser uma maneira de salvar algumas das diferenças".

## A dor dos concebidos de forma anónima

Antes ou depois, tinha de acontecer. Nos Estados Unidos, surgiu um fórum onde as pessoas concebidas através de técnicas de reprodução assistida – sobretudo, através de doadores de esperma ou de óvulos – podem dizer o que pensam sobre esta aventura tecnológica. Já havia muitas *webs* onde as mães que recorrem à fecundação *in vitro* (FIV) podiam partilhar as suas emoções, mas, até agora, as dos concebidos por doação interessavam muito menos. Alana S., de 24 anos, é uma escritora e música de São Francisco. Nascida de um doador anónimo de esperma, acaba de lançar The Anonymous Us Project. É uma página *web* (AnonymousUs.org) onde convida pais e filhos a contarem as suas histórias, sejam elas positivas ou negativas.

Alana calcula que, só nos Estados Unidos, nascem por ano entre 30.000 e 60.000 filhos de doadores de esperma. Enquanto que a indústria da reprodução assistida embolsa anualmente 3.300 milhões de dólares, pouco se sabe acerca das experiências dessas crianças e em que tipo de adultos se transformam. A dor e o ressentimento revelado nalgumas destas histórias provocam perplexidade.

Nos EUA, a indústria da FIV fez o impossível para evitar que os doadores deixem de ser anónimos, pois sabe-se que então haveria uma debandada de doadores da noite para o dia. É difícil imaginar um estudante universitário que, vinte anos depois, esteja a desejar falar ao telefone com um homem ou uma mulher que asseguram ser seu pai ou sua mãe.

Na Grã-Bretanha, o anonimato dos doadores foi suprimido em 2005, permitindo assim que – uma vez atingidos os 18 anos – os nascidos de doadores possam entrar em contacto com os seus pais biológicos. Em consequência disso, agora muitas clínicas de FIV britânicas queixam-se de que já não têm suficientes doadores de esperma para os seus clientes.

Por isso, estão a pressionar para que se regresse ao anonimato e, inclusivamente, que as doações de óvulos e de esperma sejam remuneradas como em qualquer mercado sujeito à lei da oferta e da procura. Os nascidos dessas “doações” podem estar tranquilos, pois – segundo argumentam as clínicas – a maioria dos pais dos filhos concebidos com doadores nunca lhes conta a verdade sobre as suas origens.

Recentemente, vários filmes abordaram este tema. É o caso de “The Switch” (“A Troca”), protagonizado por Jennifer Aniston, ou “The Back-Up Plan” (“Plano B...ebé”), com Jennifer López; ambos os filmes encaram de forma humorística a doação de esperma. Outros, como “The Kids Are All Right” (“Os Miúdos Estão Bem”) – filme de um casal de lésbicas que têm dois filhos por inseminação artificial –, fazem-no com um pouco mais de seriedade. Mas todos passam ao de leve sobre a dor provocada por se descobrir que os nossos pais não são, na realidade, os nossos.

“Nem todos os filhos nascidos assim se encontram bem”, diz Alana S. “Muitos de nós queremos falar sobre a nossa dor,

mas não desejamos exhibir-nos perante as câmaras de filmar, nem pretendemos ferir os nossos pais”.

Alana constata que muitos adultos concebidos por doação querem melhorar as práticas e as políticas que rodeiam a FIV, mas receiam sair do anonimato, ou criar conflitos de lealdade às suas famílias. É de esperar que a AnonymousUs se converta “numa ferramenta para que pais e políticos reexaminem as suas decisões e deixem de satisfazer de modo tendencioso as solicitações das clínicas e dos vendedores”.

Embora essa *web* esteja há pouco tempo na rede, já inclui bastantes histórias que dão que pensar. Eis alguns extratos de diversos *posts* recentes:

– Uma mulher jovem explica que conhecer as nossas origens genéticas é uma parte inevitável da nossa vida:

“Convidaram-me para ver o filme de Jennifer Aniston. No passado fim de semana, um amigo meu que não sabia nada sobre a minha situação, começou a falar sobre a doação de óvulos e de esperma. É um tema de atualidade e as pessoas têm as suas opiniões. Muitas gostam imenso de nos perguntar pela nossa ascendência. Nunca é divertido ter de mentir. E pior ainda se nos apanham numa mentira. É impossível escapar. Há sempre pessoas dispostas a recordar isso.”

– Outra mulher jovem sente-se incomodada ao saber que não foi concebida como fruto de um ato de amor, mas fabricada como um produto:

“Sou um ser humano. No entanto, fui concebida com uma técnica que a princípio se usou para a criação de animais. Pior ainda: os fazendeiros conservavam melhor os registos genealógicos do seu gado do que as clínicas de reprodução assistida. Também me faz sentir estranha pensar que os meus genes são a soma dos de duas pessoas que nunca se amaram, nunca dançaram juntas, e que nem sequer se conhecem.”

– Uma mulher descobriu aos 13 anos ter sido concebida por doadores. E para surpresa de sua mãe, isso provocou-lhe angústia:

“O desejo de conhecer o meu pai biológico não diminuiu com o decorrer dos anos. [Embora não o conheça] não aprecio especialmente ele ter aceite fazer de pai em troca de dinheiro e ter prometido não investigar o que se passaria comigo, além de ter aceite esse acordo como um bom negócio... Não quero o seu carinho nem chamar-lhe ‘papá’; já tenho um pai. Muito menos aparecer num dos seus cartões de Boas Festas pelo Natal, nem roubar-lhe o seu valioso tempo. Só quero saber quem é.”

– Nem os pais podem imaginar quanto pode doer tudo isto, afirma outra mulher:

“Agora tenho 19 anos, e ainda não consegui registar-me em Donorlink, Grã-Bretanha. Ainda me dói, não tanto como antes, mas continua a doer. Por vezes tenho vontade de

chorar e de gritar aos pais que estão a pensar em conceber através de doação... Digam tudo aos vossos filhos desde pequenos, respondam às perguntas deles, contem o que se passou! Se os meus pais vissem esta *web*, entenderiam melhor como me sinto. Mas tenho de ter muito cuidado para não desgostar ninguém... Que fúria tenho!”

Nem todas as histórias são negativas. Os pais dos concebidos por doação parecem encantados de ter tido uma oportunidade de criar um filho que gosta deles. Mas, fazer felizes o papá e a mamã, será suficiente para justificar o facto de fabricar uma criança?

M.C.

(“MercatorNet.com)

## “Soy economista y os pido disculpas”

“J’ai fait HEC et je m’en excuse”

Autor: Florence Noiville

Ediciones Deusto

Barcelona (2011)

94 págs.

Tradução (para castelhano): Adela Padín

Aos amantes das livrarias não terá passado em claro a guerra dos manifestos. Refiro-me a esse conjunto de minilivros que tentam encorajar ou expressar a indignação geral ou de coletivos perante abordagens e práticas que, segundo eles, provocaram a atual crise económica e as suas consequências. Infelizmente, à maioria deles falta análise, sobra-lhes demagogia e, claro, não há espaço para a autocrítica, pois os culpados são sempre outros.

Neste panorama agradece-se a publicação do livro-manifesto de Florence Noiville, onde a partir do título, “Soy economista y os pido disculpas”, deixa bem clara a intenção. Não obstante, o título da edição espanhola pode levar a um equívoco, que suponho não terá provocado muita graça entre os economistas (embora não fosse exagerado que alguns se sentissem especialmente atingidos). A autora não é uma economista em sentido estrito, mas mais uma dirigente empresarial que se formou na prestigiosa escola de negócios parisiense HEC (École des Hautes Études Commerciales). O pormenor é importante, porque a crítica feita no livro é dirigida precisamente à formação que as *business schools* têm vindo a proporcionar aos aspirantes a dirigentes.

Segundo Noiville, na imensa maioria das escolas de negócios de elite, inculca-se a ideia resumida numa frase: “Make More Profit, the Rest we Don’t Care about”. Ou seja, do que se trata é de aumentar o lucro, o resto ou as suas consequências não interessam. Este critério tem dominado o mundo das grandes

empresas, e é o causador de grande parte dos estragos que agora emergiram.

A autora, dedicada hoje ao mundo dos livros como escritora e diretora do suplemento de livros no diário “Le Monde”, passa em revista crítica e contundentemente as duas “disciplinas rainhas”: as finanças (que produziram “gigantescas pirâmides de dívida”) e o *marketing* (gerador de “falsas necessidades e frustrações”). Entrevistando outros dirigentes e estudantes da sua escola de negócios, regista um sentimento claro sobre a perversão do sistema dominante. E analisa os planos de estudo de algumas escolas onde não vê aproximações sólidas a uma matéria, necessária para refletir, como é a ética dos negócios.

Com a sua faceta de escritora, introduz-nos num sonho onde o modelo de formação das escolas de negócios seria diferente e com consequências positivas nos objetivos e funcionamento das empresas. Agradecemos a Florence Noiville a reflexão, mas seria injusto e absurdo pensar que um só setor de profissionais seja o culpado pela nossa difícil situação. Se a autora conseguisse o seu objetivo de “alertar e despertar consciências”, era de esperar novos manifestos, onde outros coletivos fizessem a sua *mea culpa* e manifestassem o seu compromisso de retificar o seu modo de atuar.

L.B.M.